

5.

Considerações Finais

Para encerrarmos este trabalho optamos por traçarmos apenas algumas considerações, pois entendemos que a relação de saber-poder entre o universo *funk* e os meios de comunicação de massa está em pleno movimento e transformação. Concluir esta pesquisa seria fechar a porta para outros pesquisadores que se interessam pelo assunto. A visibilidade que o baile *funk* ganha através de jornais, telejornais, telenovelas, minisséries, rádio, Internet e cinema, mostra que esta festa cultural e popular desperta interesse, ou fascínio, em diversas classes sociais. A mídia transforma o baile num grande espetáculo visual, composto de criminosos e usuários de drogas, e causa um “choque realístico” no espectador-leitor. Conseqüentemente, tal transformação demoniza esse espaço cultural e os sujeitos que o freqüentam. Por outro lado, é possível encontramos representações mais complexas dessa cultura, o que contribui para uma valorização e glamourização do movimento. Assim, a riqueza e a diversidade da temática solicitam diferentes leituras, novas interpretações e discursos que possibilitem novas formas de se compreender a relação dessa cultura com os veículos de comunicação de massa. Estas relações sociais, culturais e midiáticas não permitem um ponto final.

Neste sentido, gostaríamos de fazer uma breve análise das representações dos bailes *funk* em programas televisivos. Algumas telenovelas criam a imagem do baile como espaço degradante do caráter dos jovens, ambiente de músicas pornográficas e danças eróticas. No entanto, esta não é a imagem que impera soberana na televisão. Podemos encontrar outros programas de TV que estabelecem uma rota de fuga dessa imagem negativa, mostrando o perfil cultural do *funkeiro* e a dinâmica alegre dos bailes da periferia. Iremos comentar brevemente três produções televisivas: a telenovela *América* (Rede Globo, 2005), de Glória Perez, uma das primeiras produções do gênero a retratar esta festa cultural das favelas; *Vidas Opostas*, de Marcílio Moraes (Rede Record, 2006-2007); e o episódio *Sábado*, da série *Cidade dos Homens* (Rede Globo, 2003).

A telenovela *América* alcançou elevados índices de audiência no chamado “horário nobre” da televisão brasileira. Muitos personagens ganharam destaque nesta trama, mas é a personagem Raíssa, interpretada pela atriz Mariana Ximenes, que direcionará nossa

interpretação da representação do baile *funk* nesta obra de Glória Perez. As imagens de baile surgem na novela para estabelecer a relação problemática e desviante de uma personagem com a sua família e com a sua classe social.

Em um dos capítulos de *América*, com a gravação feita no Baile do Scala, a personagem Raíssa foi pela primeira vez num baile *funk*. Com a participação de pessoas famosas no “mundo *funk*”, como o DJ Marlboro e a MC Tati Quebra-Barraco, este episódio começa a estabelecer uma mudança na personalidade da jovem Raíssa, até então estudiosa e comportada. Esta personagem começa a mudar seu comportamento após uma decepção com os pais Tony e Haydée. A jovem conhece uma moça que mora no subúrbio, a Rose, e decide ir com ela num baile *funk*.



Cena de *América*: A “Patricinha” Raíssa freqüentando um baile *funk* na periferia

A primeira vez que Raíssa vai ao baile acontece por acaso. Seu carro quebra em uma estrada e Feitosa oferece-lhe carona até Vila Isabel. Feitosa a deixa numa mercearia enquanto vai cuidar do conserto do carro da moça. Nessa mercearia, Raíssa conhece Rose e decide ir com ela no baile. Deste ponto em diante Raíssa freqüenta o baile com assiduidade, mas o momento de destaque é quando ela decide ficar noiva numa festa *funk*, chocando seus familiares e amigos. A cena *funk* da novela é utilizada para mostrar uma mudança de postura da jovem rica que só freqüentava áreas nobres da cidade e que, para esquecer os seus problemas familiares, começa a freqüentar a periferia. A revolta de Raíssa com a sua classe social e com os seus pais ganha visibilidade em *América* através das cenas de baile *funk*, local que acaba sendo associado à postura desviante dessa personagem.

Raíssa e o baile estão ligados em *América* através da rebeldia, tanto que a música tema desta relação é a música *Boladona*¹, de Tati Quebra-Barraco.

Na madrugada boladona
Sentada na esquina
Esperando tu passar
Altas horas da matina
Com o esquema todo armado
Esperando tu chegar
Pra balançar o seu coreto
Pra você de mim lembrar

Sou cachorra, sou gatinha, não adianta se esquivar
Vou soltar a minha fera, eu boto o bicho pra pegar

Sou cachorra, sou gatinha, não adianta se esquivar
Vou soltar a minha fera, eu boto o bicho pra pegar

Boladona

Porém, é importante ressaltar que as imagens de baile em *América* não trazem as marcas estigmatizadoras do local como ambiente perigoso e repleto de traficantes que encontramos em outras representações televisivas e cinematográficas. O seqüestro que acontece com a personagem na saída do baile é planejado pelo seu próprio noivo, Alex, personagem interpretado por Thiago Lacerda. O cenário do baile na telenovela não é marcado pela presença de criminosos fortemente armados ou por usuários de drogas. A representação da festa *funk* é constituída de jovens usando roupas curtas e dançando eroticamente. O que marca negativamente as cenas de baile na novela é o fato da personagem Raíssa escolher este local como uma maneira de chocar seus familiares e mostrar a sua revolta com sua classe social. O universo *funk* é representado como uma cultura exótica que ajuda a transviar a personalidade de jovens de classe economicamente privilegiada.

Na telenovela *Vidas Opostas*, que também teve elevados índices de audiência, as cenas de bailes *funk* já clássicas com traficantes fortemente armados são expostas. O capítulo da novela selecionado para análise é a festa promovida pelo traficante Jacson, interpretado por Heitor Martinez, após a sua reconquista do tráfico, na favela do Torto.

¹ O termo “boladona” na gíria das *fukeiras* significa zangada, revoltada, indignada.

O baile *funk* conta com a presença de jovens dançando no mesmo ambiente de traficantes portando fuzis, metralhadoras e pistolas. O poder do chefe do tráfico local é exaltado através de “proibições” cantados pelo público presente na festa. Esta cena mostra o medo e o fascínio que Jacson gera em parte da população da favela, ele promove a festa para mostrar que a partir daquele momento a favela estava na “paz”, pois ele estava no poder. Jacson torna-se o “dono do morro”.

O cenário do baile é constituído com uma imensa imagem grafitada do traficante Jacson. Bandidos fazem a segurança do chefe do tráfico e da festa promovida por ele.



Cena de *Vidas Opostas*: Jacson, o “rei” do Torto, no seu baile *funk*

Por fim, em *Vidas Opostas* a representação do baile *funk* é reafirmada como um local que reuni narcotraficantes, um espaço que seduz a juventude para o mundo da marginalidade.

O episódio *Sábado*, da série *Cidade dos Homens*, dirigido por Fernando Meirelles, retrata as expectativas dos personagens Laranjinha (Darlan Cunha) e Acerola (Douglas Silva) num sábado à noite na periferia do Rio de Janeiro. Este episódio tem um caráter extremamente didático, os personagens principais apresentam pedagogicamente a dinâmica de um baile *funk*, num sábado à noite na favela.

A imagem do baile é apresentada de maneira positiva e engraçada pelos personagens-narradores Laranjinha e Acerola. Os indivíduos que freqüentam o baile vão buscar encontros amorosos, na linguagem dos jovens “ficar”, e diversão através da música e da dança *funk*. O DJ anima a festa, mais uma vez a participação de pessoas famosas na cena *funk* carioca se destaca, Marlboro e Tati Quebra-Barraco são os de maiores expressão.

Em *Cidade dos Homens* o baile é o local para se beijar na boca, dançar e se divertir. Os traficantes aparecem neste episódio, mas não como em *Vidas Opostas*, onde são representados armados no meio do público jovem. No episódio *Sábado*, os traficantes ganham visibilidade em dois momentos. Num primeiro momento fora do baile, um jovem traficante vende drogas na companhia de duas crianças, as ruas da favela se tornam um mercado livre e a céu aberto de “preto” (maconha) e “branco” (cocaína). Dentro do baile estes produtos não são vendidos, como diz Laranjinha. Vende-se muita cerveja e refrigerante, as drogas podem ser compradas com facilidade, mas fora do baile.

No segundo momento, os traficantes aparecem para punir uma jovem que perturbava a ordem da festa. Uma das regras de convivência dentro do baile, estabelecidas pelo poder do tráfico, é que não haja brigas no interior desse espaço. Quem transgredir esta determinação é punido, sendo homem ou mulher o indivíduo deve pagar. Neste caso a punição foi para moça que reincidentemente arruma desavenças dentro da comunidade, sua sentença foi ter o seu cabelo cortado, algo que afeta a estética e a auto-estima de qualquer mulher.

Por fim, *Cidade de Deus* produz uma imagem positiva sobre o baile *funk*, este local não é representado como uma reunião de traficantes, como ponto de venda de drogas ou como espaço desviante do caráter da juventude. Esta produção centra suas imagens nas intenções dos jovens da periferia quando vão a uma festa *funk*, na busca da diversão e dos prazeres conquistados através do beijo e do sexo. O que ganha relevância, através do movimento das imagens, dos efeitos de câmera lenta e que se congela, na trilha sonora e no discurso dos personagens, é a busca pelo prazer erótico. Divertir-se, cantar, dançar, beijar e, se possível, fazer sexo ao final do baile, são os desejos que regulam o comportamento dos *funkeiros* no episódio *Sábado* de *Cidade dos Homens*.

Com esta pesquisa foi possível perceber que os meios de comunicação de massa tiraram o movimento *funk* da esfera da invisibilidade social. Independente das

representações positivas ou negativas, da demonização ou da glamourização oferecidos a essa cultura, a mídia permitiu que o *funk* ganhasse visibilidade no cenário social do Brasil e até mesmo em outros países. Neste quadro de múltiplos discursos e imagens do movimento, perguntamo-nos: como falar e representar o universo *funk*, no cinema e na TV, sem se deixar levar pelas engrenagens da audiência, da espetacularização, do fascínio em meio ao pavor e ao medo? Há outros modos de proporcionar o compartilhamento simbólico dessa cultura sem cair na dicotomia da imagem glamourizada ou satanizada? Apontaremos algumas possibilidades para escaparmos dos grandes espetáculos visuais tão recorrentes na abordagem da periferia.

Acreditamos que uma representação alternativa da cultura *funk* deve levar em consideração o agenciamento de múltiplos corpos que se misturam na cena do baile. Estaremos na presença de um agenciamento todas as vezes que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos. O baile *funk* é uma simbiose de corpos. Mistura corporal de homens e mulheres que dançam num jogo de sedução, erotismo, paixão e emoção catártica. Mistura de corpos reagindo uns contra os outros: discussões, rixas e brigas entre *funkeiros*. O agenciamento material do universo *funk* envolve mistura de corpos masculinos com vestimentas específicas: cordões, camisas, bermudas, calças, bonés, tênis de marcas esportivas famosas. Corpos femininos que se acoplam a brincos, shortinhos, mini-saias, calças da gang, sandálias de salto alto, etc. Corpos de jovens que se misturam com bebidas (cerveja, vinho, energéticos, refrigerantes, etc.) e comidas (balas, chicletes, cachorro-quente, entre outros alimentos). O baile também exige uma simbiose entre os *funkeiros* e o espaço: galpões, clubes, associações, quadras, praças, ruas e morros. Podemos perceber também uma mistura entre pessoas e equipamentos: aparelhagem de som, jogos de luzes e efeitos.

Enfim, o baile *funk* é um agenciamento material que comporta uma variedade de junções de corpos, mas nem sempre este agenciamento corporal ganha repercussão nos jornais, na TV, no cinema, ou em outros veículos midiáticos. A carência de um olhar apurado e sem preconceito sobre o baile compromete muitas representações desse ambiente cultural. Os leitores e os espectadores devem ficar atentos para não consumirem imagens e discursos que marginalizem grupos sociais e espaços culturais que só reivindicam lazer,

alegria e mecanismos de expressarem seus anseios e desejos, seja através da música ou da dança.